

O AMOR NOS TEMPOS DO CÓLERA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS INTERINSTITUCIONAIS EM MEIO À PANDEMIA

*EL AMOR EN TIEMPOS DEL CÓLERA: INFORME DE EXPERIENCIAS DOCENTES
INTERINSTITUCIONALES EN MEDIO DE LA PANDEMIA*

*LOVE IN THE TIMES OF CHOLERA: A REPORT OF INTERINSTITUTIONAL TEACHING EXPERIENCES
IN THE MIDDLE OF THE PANDEMIC*

SEGAWA, HUGO

Livre-docente, Professor Titular, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pesquisador 1-A CNPq. E-mail: segawahg@usp.br

MARQUES, SÉRGIO MOACIR

Doutor, Professor Associado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura. E-mail: sergio.marques@ufrgs.br

MOREIRA, FERNANDO DINIZ

Doutor, Professor Associado, Universidade Federal de Pernambuco, Depto. de Arquitetura e Urbanismo, PPG em Desenvolvimento Urbano. Pesquisador 1-D CNPq. E-mail: fernando.moreira@ufpe.br

CAMARGO, MÔNICA JUNQUEIRA DE

Livre-docente, Professora Associada, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: junqueira.monica@usp.br

GIROTO, IVO

Professor Doutor, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: ivogiroto@usp.br

FREITAS, MARIA LUIZA MACEDO XAVIER DE

Doutora, Professora, Universidade Federal de Pernambuco, Depto. de Arquitetura e Urbanismo, PPG em Desenvolvimento Urbano. E-mail: luiza.freitas2@ufpe.br

RESUMO

O isolamento devido à pandemia de Covid-19 no Brasil a partir de março de 2020 impôs desafios inéditos ao ensino: a falta de convivência social, fundamental à troca de ideias, e o ensino remoto como única alternativa para a superação do problema, para o qual docentes e discentes até então não estavam preparados para operá-lo, exigiram respostas rápidas. A experiência inédita de compartilhamento de uma disciplina reunindo cursos dos programas de pós-graduação da FAU/USP, do MDU/UFPE e do PROP/UFPE, a partir dos antecedentes de cada um, levantou várias questões para contribuir para a discussão do ensino, da pesquisa e para a cultura arquitetônica. No âmbito didático-pedagógico, possibilitou uma rica troca entre docentes e discentes, questionando as práticas correntes e abrindo caminho para reflexões futuras; em relação ao conteúdo ampliou o leque de referências críticas e de obras arquitetônicas, impondo uma necessária revisão da historiografia. Muitas outras propostas se desencadearam no ensino superior para o enfrentamento da pandemia. Colocar em debate as estratégias adotadas e os resultados obtidos por esse tripé acadêmico pode estimular significativas mudanças no ensino de arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de arquitetura; pesquisa em arquitetura; arquitetura brasileira contemporânea; arquitetura moderna brasileira; ensino remoto.

RESUMEN

El aislamiento debido a la pandemia Covid-19 en Brasil desde marzo de 2020 ha planteado desafíos sin precedentes para la docencia: la falta de interacción social, fundamental al intercambio de ideas, y la enseñanza a la distancia como única alternativa para superar el problema, para la cual docentes y estudiantes no estaban preparados a operar, han exigido respuestas rápidas. La experiencia inédita de compartir una disciplina reuniendo cursos de los programas de posgrado de la FAU/USP, MDU/UFPE y PROP/UFPE, a partir de los antecedentes de cada uno, planteó varias cuestiones para contribuir a la discusión de la enseñanza, de la investigación y para la cultura arquitectónica. En el ámbito didáctico-pedagógico, permitió un rico intercambio entre profesores y estudiantes, cuestionando las prácticas vigentes y abriendo el camino para futuras reflexiones; en relación al contenido, amplió el espectro de referencias críticas y obras arquitectónicas, imponiendo una necesaria revisión de la historiografía. Muchas otras propuestas se dispararon en la lucha contra la pandemia y la puesta en debate de las estrategias adoptadas y los resultados obtenidos por este tripode académico puede estimular cambios significativos en la enseñanza de la arquitectura.

PALABRAS CLAVES: educación en arquitectura; investigación en arquitectura; arquitectura brasileña contemporánea; arquitectura moderna brasileña, aprendizaje remoto.

ABSTRACT

Isolation due to the Covid-19 pandemic in Brazil since March 2020 has posed unprecedented challenges to education: the lack of social interaction, fundamental to the exchange of ideas, and e-learning as the only alternative to overcome the problem, for which professors and students, until then not prepared to operate it, claimed urgent decisions. The unprecedented experience of sharing a course intertwining courses of the postgraduate programs at FAU/USP, MDU/UFPE and PROPARG/FRGS, based on the background of each of them, raised several issues that could contribute to the education and research discussion and for the architectural culture. In the didactic-pedagogical scope, it allowed a rich exchange among professors and students, questioning current practices and opening the way for future reflections; in relation to content, it expanded the range of critical references and architectural repertoire, imposing a necessary review on historiography. Many other proposals were triggered in the fight against the pandemic. Putting into debate the adopted strategies and the results obtained by this academic tripod, can stimulate significant changes in architectural education.

KEYWORDS: architectural education; architectural research; contemporary Brazilian architecture; Brazilian modern architecture; e-learning.

Recebido em: 31/08/2021
Aceito para publicação em: 15/09/2021

1 INTRODUÇÃO

A partir do primeiro registro de óbito ocasionado pela doença provocada pelo novo Coronavírus (Sars-Cov-2) no Brasil, em março de 2020, o ensino remoto gradualmente tornou-se prática corrente. Foi uma resposta emergencial, temporária e acessível, diante das recomendações sanitárias como o distanciamento social – restrição adotada por todas as universidades públicas brasileiras¹. Atualmente pode ser entendido como um sistema temporário que ganhou corpo em resposta à pandemia, adaptando as metodologias de ensino presencial com a adoção das Tecnologias Digitais de Informação e da Comunicação (TDICs), mediante aulas expositivas, seminários e interações entre professores e estudantes em tempo real, bem como reuniões on-line para atendimentos ou assessoramentos fora do horário formal das aulas.

No dia 5 de abril de 2021, uma segunda-feira, às nove horas, começava certa disciplina de pós-graduação de forma remota, que se estenderia até o dia 28 de maio. Organizada em regime concentrado, foi ministrada duas vezes por semana, de modo a cumprir sua carga horária total de 60 horas ao longo de dois meses corridos. Aquela manhã de outono poderia ser a abertura de mais um curso na rotina dos programas de pós-graduação no Brasil em meio à pandemia. Todavia, algumas de suas características diferiam da prática habitual: seis professores – Hugo Segawa, Mônica Junqueira de Camargo e Ivo Giroto (USP), Fernando Diniz Moreira e Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas (UFPE), e Sérgio Moacir Marques (UFRGS), de seus improvisados gabinetes domésticos, em São Paulo, Recife e Porto Alegre, estavam recebendo em sala virtual, mediante a plataforma Zoom, 77 alunos regulares – mestrandos, doutorandos e alunos especiais, sendo 24 matriculados na FAU/USP, 18 no MDU/UFPE e 35 no PROPARG/FRGS –, disseminados em cidades dos Estados de Alagoas, Ceará, Goiás, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Roraima, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, além de uma audiência de ouvintes inscritos da ordem de 50 pessoas – arquitetos, pós-graduados, professores e ex-professores, autorizados a acompanharem as aulas remotas como um curso livre –, ampliando o alcance geográfico para Estados como Amapá e Pará e países como Áustria, México e Emirados Árabes Unidos. Em uma aula, chegou-se a registrar 125 conexões à sala.

O corpo docente representava três programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo credenciados pela CAPES: FAU/USP (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), MDU/UFPE (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco) e PROPARG (Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) (Figura 1). Este artigo oferece uma síntese desta experiência.

Figura 1: Cartazes de divulgação da disciplina produzidos pelo MDU/UFPE e PROPARG/UFGRS.



Fonte: MDU/UFPE, PROPARG/UFGRS.

2 TRIPÉ: A CONCEPÇÃO DE UMA DISCIPLINA INTEGRADA

O que no início foi mencionado como “certa disciplina”, formalmente eram disciplinas de três instituições de pós-graduação distintas que se integraram², formando uma estrutura, tal como um tripé. Seu conteúdo e calendário foram estabelecidos de comum acordo entre os professores envolvidos, em torno de questões sobre arquitetura moderna e contemporânea no Brasil. Foi oferecida dentro da grade horária de cada instituição para seus alunos regulares e especiais e ministrada sincronicamente a partir de conexão gerada em São Paulo, pela plataforma Zoom (Figura 2).

Figura 2: Professores da disciplina: da esquerda para a direita, de cima para baixo: Hugo Segawa (USP), Sérgio Moacir Marques (UFRGS), Maria Luiza de Freitas (UFPE), Fernando Diniz (UFPE), Ivo Giroto (USP) e Mônica Junqueira de Camargo (USP).



Fonte: Autores.

A origem dessa integração é pré-pandêmica, enquanto inspiração. Em anos anteriores, mestrands do MDU/UFPE frequentaram a disciplina da FAU/USP Arquitetura Contemporânea Paulista/Crítica de Arquitetura presencialmente, como alunas especiais ou bolsistas sanduíche, por orientação do Prof. Fernando Diniz Moreira. Do mesmo modo, pós-graduandos do PROPARG/UFGRS, por recomendação do Prof. Sérgio Moacir Marques, matricularam-se como alunos especiais ou acompanharam como ouvintes, também presencialmente.

A possibilidade de frequentar presencialmente a disciplina em São Paulo foi facilitada a partir de uma rotina de se oferecer cursos de modo concentrado na FAU/USP. Este calendário compactado – ao longo de duas semanas, aulas diárias pela manhã e tarde – e fora do período letivo usual – geralmente em julho – possibilitou a participação de não residentes na cidade de São Paulo, quer por motivos econômicos, quer

por não sobreposição aos calendários dos vários programas, quer pela possibilidade de docentes cumprirem seus créditos em período de férias letivas da graduação.

O início do oferecimento sistemático de matérias concentradas na FAU/USP – em especial a disciplina paulista do tripé – teve uma de suas motivações em um convênio firmado com a UDELAR – Universidad de la República, de Montevideu, para a titulação dos docentes uruguaios, no mês de julho de 2015. Esta primeira experiência na modalidade concentrada foi bem-sucedida. Atendeu aos arranjos e ao cronograma do acordo binacional, favorecendo os docentes-doutorandos para obtenção de créditos-disciplina durante o mês de férias de inverno, sem prejuízo de suas atividades didáticas em meses de aula. Além de atender ao convênio, o calendário intensificado acabou atraindo professores e estudantes de outras partes do Brasil e da Argentina.

O oferecimento de cursos concentrados – isto é, não ministrados semanalmente, ao longo de quatro meses por várias disciplinas da pós-graduação na FAU/USP –, independentes de acordos interinstitucionais, tornou-se rotineiro a partir de então. A disciplina Arquitetura Contemporânea Paulista/Crítica de Arquitetura foi bem-sucedida em atrair, em edições subsequentes, alunado de fora da cidade e do Estado de São Paulo como alunos especiais.

No caso do PROPAR/UFRGS, a região detém certa centralidade em termos meridionais da América do Sul, principalmente a conexão geográfica, e em parte cultural, com as capitais da Argentina, do Uruguai e do Chile. Da mesma forma que São Paulo, além de relações de intercâmbio com instituições destes países e fluxo constante de professores, o programa de pós-graduação recebe normalmente a participação de estrangeiros da região do Prata e adjacências. Além de massiva participação de estudantes do interior do Estado, Santa Catarina e do Paraná. Em determinadas oportunidades, cursos na forma de workshops ou seminários concentrados também são oferecidos, favorecendo a frequência destes estudantes de fora da capital gaúcha.

Desde a sua criação na década de 1970, o MDU/UFPE, então focado no planejamento urbano, sempre atraiu muitos estudantes dos estados do norte e nordeste, com exceção da Bahia.

3 O PRÉ-PANDEMIA E O IMPACTO DO ISOLAMENTO COMPULSÓRIO

Na FAU/USP a disciplina de pós-graduação Arquitetura Contemporânea Paulista foi criada em 2004 pela Profª Mônica Junqueira de Camargo. Com a incorporação do Prof. Hugo Segawa como corresponsável no ano seguinte, acrescentou-se informalmente Crítica de Arquitetura no título da disciplina. Em 2020 juntou-se o Prof. Ivo Giroto ao grupo docente. Até o advento dos calendários concentrados, movido pelo convênio com a UDELAR, disciplina sempre foi ministrada semestralmente de forma extensiva, isto é, ao longo de quatro meses, como acima descrito.

Um dos pontos altos da formulação dessa matéria era dedicar cerca de 2/5 de suas atividades para visitas a obras, quando possível, acompanhadas pelos autores do projeto, que apresentavam e discutiam o edifício visitado in situ com os estudantes: a experiência real do espaço arquitetônico e urbanístico pelo contato presencial e o diálogo ao vivo com os projetistas e, na maioria das vezes, com os usuários (Figuras 3 a 5).

Figura 3: À esquerda: Marcos Boldarini e a líder comunitária Sheila, na visita ao Residencial Corruíras, HIS em São Paulo, julho de 2016. À direita: Jorge Pessoa, coautor, com o escritório Base Urbana, da HIS da reurbanização da favela do Sapé, São Paulo, 2010-2014. Visita realizada em julho de 2018.



Fonte: Hugo Segawa.

Figura 4 - À esquerda: visita ao SESC Guarulhos, SP, julho de 2019. No centro da imagem, sentada, a Profª Mônica Junqueira de Camargo; ao seu lado esquerdo, em pé, o casal Lilian e Renato Dal Pian, arquitetos do projeto. À direita: visita à escola SENAI São Caetano do Sul, SP, julho de 2018, com os arquitetos do projeto, o casal Cláudia Nucci e Valério Pietraróia.



Fonte: Hugo Segawa.

Em 2020, com a pandemia de Covid-19, o confinamento social, as incertezas e inseguranças decorrentes da situação sanitária, houve a reorganização forçada e total de todos os procedimentos administrativos e didáticos, seguindo orientações estabelecidas pelas três universidades, com o impedimento de atividades presenciais. O posicionamento unânime entre docentes e discentes contra a adoção do EaD, particularmente no âmbito dos arquitetos e urbanistas, e a compulsória aceitação do ensino remoto via TDICs – domínio quase inexplorado e inédito no cotidiano do ensino público superior – transtornou completamente as práticas, as rotinas e os métodos didático-pedagógicos. Constituiu uma inesperada ruptura, cujas consequências em algum momento deverão ser serenamente avaliadas.

Com a pandemia, o oferecimento da disciplina da FAU/USP, originalmente agendada para o mês de julho de 2020, nos moldes das edições concentradas anteriores, foi reprogramada e adaptada para o período de setembro a dezembro, de modo extensivo, isto é, com aulas remotas ministradas uma vez por semana. A supressão dessa relação direta com a arquitetura e a cidade destituiu o curso de um dos aspectos mais valorizados pelos responsáveis pela disciplina e na consideração dos estudantes que dela participaram.

Figura 5: À esquerda, palestra de Milton Braga e Marta Moreira (à direita, na foto) no SESC 24 de Maio, São Paulo, outubro de 2017. À direita: palestra de Vinícius Andrade (esquerda) e Marcelo Morettin (direita) no auditório do Instituto Moreira Salles, São Paulo, novembro de 2017.



Fonte: Hugo Segawa.

No PROPARG/UFGRS, os Seminários de Teoria, História e Crítica da Arquitetura – Arquitetura Moderna e Contemporânea Brasileira no Sul foram criados em 2018³, e, associados a iniciativas anteriores do programa⁴, buscam contribuir com a reflexão crítica e a documentação sobre o contexto da arquitetura nesta região do país correlacionando-a com o panorama brasileiro. Os Seminários de Arquitetura Moderna e Contemporânea Brasileira no Sul, dando sequência a certa tradição de viagens e visitas de arquitetura realizadas desde a década de 1960, há algumas gerações de professores no Rio Grande do Sul, da mesma forma que a FAU/USP, vinham desenhando a adoção deste procedimento para a compreensão e domínio de projeto e obra realizada, ora acompanhados pelos autores das obras, ora por críticos de arquitetura e/ou estudiosos do contexto, ora fazendo aulas dentro da própria obra (Figura 6). Da mesma forma, a pandemia interrompeu estas atividades, além de qualquer interação presencial, e introduziu no meio acadêmico debates acalorados sobre a conveniência ou não do ensino de arquitetura à distância. Com a discussão em

marcha e posições controversas, a necessidade de implantação do Ensino Emergencial Remoto – ERE, além de responder à conjuntura emergencial, descortinou outras possibilidades no ensino de arquitetura e novos ingredientes à reflexão, cuja avaliação, igualmente, ainda está por se fazer.

No MDU/UFPE, a partir do novo currículo implementado em 2010 na graduação, o tema da arquitetura contemporânea brasileira passou a ser tratado na disciplina História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo 8. Inaugurada em 2013 e ministrada semestralmente, até 2020, pelo professor Fernando Diniz Moreira⁵, a disciplina buscava traçar um panorama da arquitetura brasileira dos últimos 40 anos. Fez-se um esforço para reservar um terço da carga horária para o século XXI e para identificar afinidades, diálogos e influências entre uma profusão de projetos, edifícios que marcaram estas duas últimas décadas da nossa arquitetura. Entretanto, enquanto existia uma historiografia relativamente consolidada sobre o início deste período (anos 1970 e 1980), ela escasseava à medida que nos aproximávamos do tempo presente, quando se sentia a falta de textos que oferecessem uma visão de conjunto sobre o período, algo sempre necessário para estudantes de graduação.

Figura 6: Em cima à esquerda: visita ao apartamento da arquiteta Suzy B. Fayet no edifício FAM, projeto de Carlos M. Fayet, Cláudio L. Araújo e Moacyr Moojen Marques, de 1964-68. Em cima, à direita: visita ao apartamento do arquiteto Cláudio L. Araújo (1931-2016). Em baixo, à esquerda: visita ao apartamento do arquiteto Moacyr Moojen Marques (1930-2019), falando aos visitantes no edifício FAM em 2014. Em baixo, à direita: visita em 2018 à Refinaria Alberto Pasqualini/REFAP Petrobras, projeto de Carlos M. Fayet, Cláudio L. Araújo, Moacyr Moojen Marques e Miguel A. Pereira, em Canoas, RS, 1962-69.



Fonte: Acervo FAM/PROPAR.

Na área de tecnologias das construções, o ensino de estruturas, materiais estruturais e sistemas construtivos fica a cargo da sequência de disciplinas denominadas Tectônica, muitas das quais têm como responsável a Prof^a Maria Luiza de Freitas. Estas disciplinas tratam da concepção estrutural, espacial e formal da arquitetura, associadas aos conteúdos tradicionalmente dados por professores com formação em Engenharia (sistemas estruturais, cálculo de concreto armado, estruturas metálicas e madeira) como estratégia para aproximar os alunos de exemplos reais, que são uma grande fonte de aprendizado, mediante palestras com arquitetos e visitas a obras. Várias realizações contemporâneas brasileiras passaram a ser estudadas no curso, mostrando que as novas gerações de arquitetos brasileiros apresentam maior experimentação e liberdade na definição de materiais, no uso de tecnologias e de soluções inovadoras, além de uma grande preocupação com os custos.

Assim, no caso da UFPE, tais experiências e práticas de ensino, aliadas às demandas trazidas por orientandos na pós-graduação, estimularam um estudo mais aprofundado da arquitetura contemporânea brasileira e levaram os dois professores a proporem uma disciplina na pós-graduação sobre a arquitetura

brasileira do século XXI no Brasil, oferecida em 2019 e em 2020, na qual foi possível discutir com mais profundidade o período contemporâneo (Figura 7). Esta última versão foi oferecida parcialmente com a FAU/USP, como veremos a seguir.

Figura 7: Visita dos alunos e professores ao Compaz Santa Terezinha, Recife, com o arquiteto Roberto Montezuma em dezembro de 2019, no âmbito da disciplina Tópicos Avançados em Arquitetura e Urbanismo V: Arquitetura Brasileira no Século XXI: Crítica e História.



Fonte: Fernando Diniz Moreira.

4 AS LIMITAÇÕES DO NÃO-PRESENCIAL E AS POTENCIALIDADES DO VIRTUAL

O compulsório confinamento social abalou os fundamentos das disciplinas. Todavia, no caso da FAU/USP, na adaptação ao modo remoto, os responsáveis conceberam um “mecanismo compensatório”. Na realidade, longe de substituir o presencial na arquitetura, a saída foi explorar o potencial das TDICs para diálogos virtuais com arquitetos e professores que, em condições pré-pandêmicas, não estariam acessíveis. O esforço foi alargar o ambiente não presencial para uma geografia maior, mediante o emprego de plataformas de videoconferência e a página de compartilhamento de vídeos YouTube como interfaces de colóquios nacionais e internacionais. A estratégia foi utilizar tanto uma programação semanal de videoconferências promovida pela FAU/USP, aberta para o grande público, como a disponibilização das palestras dentro das aulas, ao vivo, pelo YouTube.

A circunstância de reorganizar uma disciplina de graduação no mesmo semestre, História e Teorias da Arquitetura IV, voltada a temas de arquitetura moderna e contemporânea, de responsabilidade dos mesmos professores, permitiu formular um ciclo de palestras e debates realizado em tempo real, compartilhado entre estudantes de graduação, de pós-graduação, e aberto via YouTube para o público em geral, com arquitetos brasileiros – Arquitetos Associados (Belo Horizonte), O Norte (Recife), Laurent Troost (Manaus), Estúdio 41 (Curitiba), Carla Juaçaba (Londres) e Paulo Bruna (São Paulo) – e professores estrangeiros – Enrique Xavier de Anda Alanís (México D.F.), Jean-Louis Cohen (Paris), Susana Torre (Carboneras, Espanha) e Alexander Tzonis & Liane Lefaivre (Paris). Disponíveis, no YouTube⁶, os vídeos mais assistidos alcançaram a ordem de 1,2 mil visualizações, e a maior audiência se deu com a palestra de Jean-Louis Cohen, com 1,5 mil visualizações (dados de agosto de 2021).

Na UFRGS, o Prof. Sérgio Moacir Marques, de maneira semelhante à FAU/USP, além de palestras com convidados na pós-graduação (Figura 8), ofereceu na graduação, em 2019, a disciplina eletiva Tópicos Especiais em História da Arquitetura e da Arte – Arquitetura Moderna e Contemporânea no Sul Brasileiro, na qual, em paralelo com os seminários da pós-graduação, vinha compensando certa escassez de tempo para a abordagem da diversidade de realizações – principalmente da cena contemporânea, nem sempre publicadas – com o desenvolvimento de trabalhos individuais dos alunos. Esta produção trouxe para o debate coletivo farta documentação e material muitas vezes inéditos da produção contemporânea no sul brasileiro. A ação de valorização da criação de acervos documentais deu continuidade a iniciativas anteriores, no tradicional ensino de arquitetura brasileira da UFRGS e nos acervos dos laboratórios de Teoria e História da Arquitetura e Núcleo de Projetos, da FAU UniRitter, onde o Prof. Sérgio Moacir Marques igualmente colaborou por muitos anos, e novos conjuntos documentais foram criados a partir da produção discente dos Seminários e Tópicos Especiais.

Figura 8: À esquerda: palestra Prof. Me. Maturino Luz (FAU/UniRitter e FAU/PUCRS). À direita: palestra Prof. Dr. Humberto Sica Palermo (Prof. FA/UFGRS) Atividades do Seminário Arquitetura Moderna e Contemporânea Brasileira no Sul, PROPARG/UFGRS e Escola Livre de Arquitetura – ELA, no edifício FAM em 2018.



Fonte: Acervo FAM/PROPARG.

Na UFPE, como visto, os professores Fernando Diniz Moreira e Maria Luiza Xavier de Freitas ofereceram duas disciplinas no 2º semestre de 2019 e de 2020 versando sobre arquitetura contemporânea brasileira. Os cursos buscaram promover uma análise crítica sobre a produção das últimas duas décadas, identificando continuidades e rupturas em relação à arquitetura do século XX, surgimento de novos temas e possíveis linhas de interpretação deste período.

5 PRIMEIRO ENSAIO DE COMPARTILHAMENTO

Foi nesse contexto que se realizou a primeira experiência de compartilhamento virtual entre as disciplinas Arquitetura Contemporânea Paulista/Crítica de Arquitetura da FAU/USP (professores Mônica Junqueira de Camargo, Hugo Segawa e Ivo Giroto) e Tópicos Avançados em Arquitetura e Urbanismo V – Arquitetura Contemporânea no Século XXI: Crítica e História, do MDU/UFPE (professores Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas e Fernando Diniz Moreira), entre setembro e novembro de 2020. Esta colaboração seguia a prática anterior de intercâmbio entre o MDU/UFPE e a FAU/USP, que se realizava com a ida de alunos pernambucanos à São Paulo para participar presencialmente da disciplina paulista. Prática que foi interrompida pela pandemia.

Deve-se ressaltar que foi uma coparticipação: as palestras antes mencionadas e seminários foram realizados conjuntamente entre estudantes dos dois programas, predominando os conteúdos da disciplina paulista.

Pareceu, aos professores em São Paulo, que a reunião de classes, com a participação dos alunos regulares de Pernambuco em maior número e a presença dos seus professores, introduziu uma vitalidade na sala de aula virtual que não acontecia anteriormente, quando presencial. Embora a disciplina paulista sempre contasse com estudantes de fora do programa e de fora de São Paulo, a conjunção de dois grupos reunidos em função de uma disciplina promoveu uma interação que apontava para um potencial até então não experimentado.

6 UMA IDEIA DE INTEGRAÇÃO

A experiência positiva, e relativamente improvisada, de compartilhamento no 2º semestre de 2020, quer pela presença, participação e integração dos alunos, quer pela qualidade dos trabalhos apresentados, ensejou a ideia de um curso que fosse estruturado e oferecido conjuntamente pelos docentes da FAU/USP, do MDU/UFPE e do PROPARG/UFGRS, estreitando os vínculos existentes. A proposta era ousada e arriscada, na medida em que exigia um grande esforço de compatibilização de disciplinas preexistentes, questões de ordem conceitual e prática, como a definição de conteúdos comuns que atendessem às diferentes ementas e aos regimentos de cada programa de pós-graduação, compatibilização de calendários e cargas horárias, e o desenho de um cronograma adequado aos seis docentes envolvidos. Os desafios eram de caráter conceitual e operacional.

O curso teve como premissas:

- Compartilhar sistematicamente o conhecimento docente e discente de distintos programas;
- Integrar pesquisadores de diferentes partes do país;

- Ensinar a produção de uma cartografia da arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil superando as compartimentações regionais.

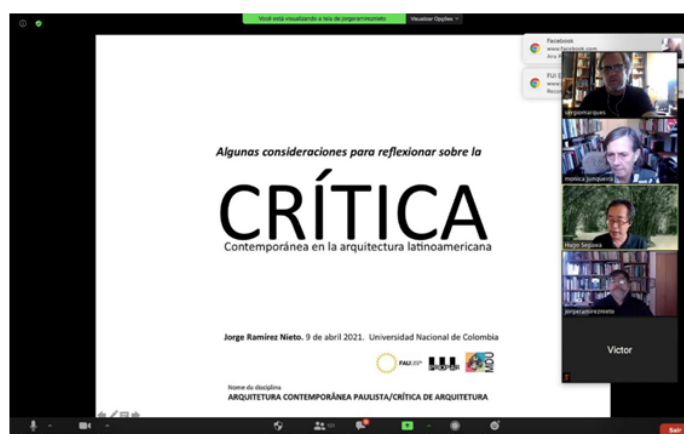
Aventou-se inicialmente uma divisão em três módulos, que poderiam ser formulados independentemente pelos docentes de cada um dos programas. Todavia, tal esquema apenas caracterizaria a junção de três conteúdos, e não uma integração. Deliberou-se, ao final, uma estrutura, também tripartite, baseada na evidência e vocação regional – Pernambuco, Rio Grande do Sul e São Paulo – desenvolvida em períodos da história da arquitetura brasileira:

- O contexto moderno dos anos pós Segunda Guerra aos anos 1980;
- As denominadas décadas “pós-modernas” de 1980 e 1990;
- O cenário contemporâneo das duas primeiras décadas do século XXI.

Optou-se por uma estrutura conservadora, considerando, primeiro, o ineditismo da integração e a necessidade de estabelecer tópicos comuns que pudessem ser compartilhados pelos docentes e pelos estudantes. A título de exemplificação: a arquitetura moderna gaúcha e pernambucana são menos difundidas que a paulista: como seria possível alunos gaúchos debaterem sobre a obra pernambucana sem um domínio mínimo dessa produção – ou vice-versa? Alunos paulistas também ficariam à deriva olhando esses polos. E mesmo a leitura da produção paulista, na disciplina ministrada na FAU/USP, não é corrente e conhecida. Essas assimetrias – de conhecimentos, conteúdos, práticas – emergiram como incógnitas frente ao evidente quadro de alteridades que se manifestava no encontro de cursos que em seus formatos originais se voltam para suas especificidades regionais. Operando com uma temporalidade comum o percurso dos fenômenos de meados do século XX até o presente foi o Fio de Ariadne para costurar pontos de encontro ou desencontro.

Na montagem da estrutura comum, considerou-se oportuna a integração de experiências e conteúdos antes trabalhados separadamente em cada uma das três disciplinas. Neste sentido, o tema da crítica arquitetônica, um dos fundamentos da disciplina paulista, foi incorporado em uma aula especial, como suporte conceitual às análises de obras que seriam desenvolvidas mais adiante. A discussão sobre a crítica foi deflagrada a partir da palestra de abertura do curso, a cargo do professor e pesquisador Jorge Vicente Ramírez Nieto, da Universidad Nacional de Colombia (UNAL). Em sua intervenção, discorreu sobre as formas de exercer a crítica, destacou o lugar do juízo crítico como um problema do contemporâneo e seu papel dinâmico de referência social. Desta forma, a ênfase histórica assumida pelo curso compartilhado foi, ainda que de forma limitada, complementada e permeada pela reflexão crítica enquanto prática (Figura 9).

Figura 9: Abertura da palestra Crítica contemporânea en la arquitectura latinoamericana, do professor convidado colombiano Jorge Ramírez (Universidad Nacional, Bogotá).



Fonte: Autores.

7 O EXERCÍCIO DA INTEGRAÇÃO

Em cada módulo, professores dos três programas apresentaram questões e obras de seus domínios, colocando para diálogo as especificidades, afinidades e assimetrias entre as produções regionais, e, sempre que possível, refletindo no panorama da arquitetura brasileira como um todo, e também no mundial. O 1º módulo (o contexto moderno dos anos pós-Segunda Guerra aos anos 1980) trouxe uma abordagem

panorâmica da produção de cada Estado; o 2º módulo (as décadas “pós-modernas” de 1980 e 1990) desenhou um panorama brasileiro, com ênfases no Rio Grande do Sul e Pernambuco, propiciando leituras comparativas e apresentando obras pouco conhecidas fora dos respectivos Estados. O 3º módulo (o século XXI) permitiu maior liberdade de enfoques: cada parte responsável pela disciplina pôde aprofundar temas considerados relevantes e oportunos para as respectivas regiões ou para o país, abordando questões como a atuação de arquitetos estrangeiros no Brasil, a compreensão da cidade no processo de projeto; os escritórios emergentes no mercado imobiliário atual, novas tecnologias de construção, a produção de escritórios tradicionais na cena contemporânea.

Palestras de profissionais baseados em cada Estado foram programadas como amostras que podem caracterizar a interface atual de algumas práticas no Brasil: demandas de clientela privada burguesa, o mercado imobiliário nas metrópoles, atuação em áreas carentes e periféricas, processos produtivos, tecnologias, trabalho colaborativo e, sobretudo, temas levantados após as apresentações, não necessariamente abordados pelos convidados, mas evocados pelos docentes e discentes, gerando debates com duração mais extensa que as próprias palestras, em todas ocasiões extrapolando o horário-teto da aula.

A arquiteta paulista Cristina Xavier foi convidada para mostrar uma carreira nada ortodoxa: seus primeiros projetos de condomínios na Vila Madalena serviram para os empresários da Ideia!Zarvos conceituarem a base da “boa arquitetura” do seu empreendedorismo no mercado imobiliário paulistano. Associada na incorporação de conjuntos condominiais executados com a racionalização de uso de madeira até então considerada residual, sua experimentação construtiva com a Ita Construtora abriu a possibilidade de desenvolver um projeto comunitário na floresta amazônica, o Centro Experimental Floresta Ativa – CEFA, no Pará. Foi um depoimento para também conhecer e debater a presença feminina na arquitetura paulista (Figura 10).

De Porto Alegre foi convidado Luciano Andrades, titular do escritório binacional (Brasil e Uruguai) MAPA Arquitetos. Esta composição contemporânea de arquitetos gaúchos e uruguaios dá continuidade a laços históricos e afinidades culturais significativas, estabelecidos há mais de uma geração na arquitetura do sul brasileiro. O escritório tem se destacado na cena contemporânea latino-americana por meio de edificações localizadas em lugares remotos, de natureza exuberante, empregando tecnologia de ponta de industrialização da construção, e também pelo perfil de escritório que mantém atividades de fomento investigativo, como as publicações e eventos produzidos pelo INST, segmento do MAPA voltado “para a disseminação da dimensão cultural da arquitetura”. Com esta índole inovadora, o coletivo tem em marcha projetos para os Estados Unidos, Portugal, Grécia, Uruguai e outras regiões brasileiras, condição incomum até então no âmbito mais regionalizado da arquitetura brasileira do sul.

Figura 10: Palestra de Cristina Xavier, 26 de abril de 2021.



Fonte: Autores.

O palestrante por Pernambuco foi o arquiteto Tiago Monteiro, formado na UFPE em 2004, executivo do escritório HAUT. Nos últimos anos, atuando também como incorporadora, a HAUT vem se destacando no padronizado cenário da produção imobiliária regional com projetos empresariais e residenciais em altura, com linguagem diferenciada, preocupações ambientais e de racionalização da construção e plantas diferenciadas. O interesse em convidá-lo foi o de melhor entender as estratégias de inserção profissional de jovens escritórios assumindo controle sobre o próprio processo de incorporação imobiliária.

8 AVALIAÇÃO DISCENTE

A avaliação é parte do ritual para obtenção de créditos na pós-graduação. A questão é atrelada às regras e práticas de cada programa e curso. Todavia, considerando a vontade de organizar uma disciplina integrada, mas que deve observar as normas da pós-graduação de cada universidade, pensou-se que seria desejável uma atividade conjunta como uma avaliação parcial, não só pela obrigação de avaliar, mas também promover uma entropia no grupo como um todo. A conciliação dessas variáveis se definiu da seguinte forma:

- Cada programa estabeleceu o seu trabalho final, individual, a ser entregue após o final do curso, conforme sua praxe e inerente autonomia;
- O espírito de integração se desenvolveu mediante a realização de seminários preparados por grupos de estudantes, que se dedicaram a apresentar e analisar uma obra de arquitetura inaugurada após o ano 2000 no Brasil, em sessões agendadas no período compartilhado do curso para debate em sala de aula virtual.

Para promover a ideia de integração, foi uma imposição desde o princípio que, para os seminários, as equipes deveriam ser formadas necessariamente por estudantes de diferentes origens, isto é, uma composição para evitar endogenia regional. Apesar de, conforme a combinatória, um grupo poder contar com mais de um elemento de um mesmo programa, sempre deveria haver convívio com outros programas.

Previu-se que fatores como o modo virtual do curso, o afastamento geográfico dos discentes, o calendário concentrado, e a falta de interação presencial, tornariam a organização das equipes dificultosa e lenta. Para contornar esse problema, os docentes, a partir da lista de todos os matriculados, apresentaram no primeiro dia de aula uma montagem de grupos no molde preconizado – para surpresa dos estudantes. Por sorte, essa imposição funcionou, conforme será descrito e retomado adiante, com poucas alterações ao longo de seu desenvolvimento. Todavia, devido à assimetria do número de matriculados por programa, algumas equipes tiveram que ser constituídas com membros de apenas dois programas, sem, contudo, caracterizar total homogeneidade.

A estruturação das equipes procurou refletir a proposta de integração e intercâmbio de ideias que motivou o oferecimento da disciplina. O critério definido privilegiou a combinação de pesquisadores provenientes dos três diferentes programas na formação dos grupos e, mais do que isso, de diferentes pontos geográficos do país. Foram apresentados 24 trabalhos, por equipes compostas de 3 a 4 pesquisadores. Essa dinâmica, que, de certa forma, pareceu arriscada, foi muito apreciada por todos, constituindo um ponto alto na avaliação do curso. Ela foi entendida como uma possibilidade de troca de experiências muito rica, em uma combinatória que dificilmente aconteceria em um esquema presencial.

Se por um lado há incontornáveis restrições impostas pelo modelo de interação remota, por outro o uso de recursos da plataforma Zoom permitiu uma organização flexível das sessões de seminários. As apresentações ocorreram em quatro semanas subsequentes, divididas em três salas virtuais simultâneas, com obras agrupadas por aproximação programática/funcional. Em cada uma das salas, dois professores de programas diferentes acompanhavam as apresentações, às quais os demais pesquisadores podiam aceder livremente, constituindo um fórum de debates em torno de uma obra arquitetônica. A subdivisão em grupos menores possibilitou uma boa condução dos debates abertos após cada apresentação, compensando o elevado número de pessoas que acompanhavam as aulas da disciplina, talvez inibitório para intervenções de pessoas mais retraídas.

As obras analisadas foram de livre escolha das equipes e, em certa medida, compõem um panorama indicativo dos interesses gerais resultantes da negociação entre os integrantes. Observou-se que pouco mais da metade das equipes escolheu obras projetadas por escritórios sediados em São Paulo, 6 optaram por profissionais baseados na região sul do país, e apenas 2 selecionaram arquitetos nordestinos. Em relação à distribuição territorial, as obras escolhidas indicam maior equilíbrio: 9 situadas no Estado de São Paulo, 7 no Nordeste, 4 na região sul, 3 no centro-oeste e 1 no Chile (Figura 11).

Do ponto de vista temático, a seleção de obras contemplou um amplo arco de programas arquitetônicos: residências, edifícios multifamiliares de alto padrão e conjuntos habitacionais de interesse social; edificações institucionais, para serviço e educacionais; equipamentos voltados à cultura, ao esporte e ao lazer; e um templo religioso. Além de uma distribuição programática bastante variada, os projetos analisados contemplaram desde obras premiadas e bastante difundidas pela imprensa especializada até exemplares menos conhecidos⁷.

Em alguns casos, a composição mista das equipes produziu diálogos inter-regionais entre a procedência dos arquitetos e a localização das obras, como a subsede do CREA Paraíba em Campina Grande,

projetada pelo escritório gaúcho-uruguaio MAPA; A UBS - Unidade Básica de Saúde Parque do Riacho II, do paranaense Saboia Ruiz, e a sede da Confederação Nacional dos Municípios, do paulista Mira Arquitetos, ambas em Brasília; a sede da Fecomércio/SESC/SENAC em Porto Alegre, projetada pelo paranaense Estudio 41; a casa Txai, do escritório MK27 em Itacaré, BA, as Moradias de Estudantes da Fundação Bradesco, da associação Rosenbaum + Aleph Zero, em Formoso do Araguaia, TO, e o Cais do Sertão, obra do Brasil Arquitetura em Recife, todos estes escritórios paulistas.

Figura 11: Slide de seminário com apresentação de pós-graduandos.



Fonte: Autores.

9 TRABALHOS FINAIS

Como esclarecido anteriormente, cada programa estabeleceu sua própria forma de avaliação individual. Não é o caso de esmiuçar os procedimentos de cada um, senão no que se refere a uma eventual interface com o conjunto integrado ou uma explicação da natureza da última entrega.

O trabalho final produzido pelos estudantes dos Seminários de Arquitetura Moderna e Contemporânea Brasileira no Sul, no PROPAR/UFRGS, vem sendo uma ferramenta importante para trazer, ao contexto acadêmico e à reflexão crítica, obras nem sempre disponíveis ou acessíveis através de publicações ou mesmo visitas. Mas este não é o único objetivo do trabalho. Considerando certo entendimento de que a pesquisa e a pós-graduação em arquitetura ampliaram exponencialmente a reflexão crítica sobre a produção brasileira de arquitetura e urbanismo, mas nem sempre acompanhada devidamente de mesmo rigor em termos de qualidade e fidelidade de documentação, dados básicos, autorias, fichas técnicas etc., ou seja, material documental, muitas vezes oriundo de fontes primárias, o trabalho objetiva também certo treinamento nestas operações fundamentais da pesquisa: documentação e produção de fontes de pesquisa precisas e confiáveis para futuros pesquisadores. Neste sentido, está em marcha no PROPAR/UFRGS a produção de fichas catalográficas de obras exemplares de arquitetura e urbanismo brasileiros no sul, selecionadas pelos pós-graduandos e confeccionadas segundo padrão preestabelecido, que gradualmente estão constituindo acervo on-line público da produção regional. As fichas, contendo o projeto de arquitetura, aspectos construtivos, eventuais publicações da obra, textos críticos existentes, análise crítica feita pelos pós-graduandos e dados biográficos dos autores da obra, são discutidas conjuntamente (em aula quando possível), revisadas pelo professor e pós-graduandos e publicadas quando é o caso. Esta sistemática, por questões de continuidade do trabalho realizado em semestres anteriores, foi mantida para os alunos regulares do PROPAR que realizaram a disciplina integrada⁸.

Na FAU/USP, o trabalho final espelha totalmente a disciplina oferecida, seguindo a prática da disciplina-base, Arquitetura Contemporânea Paulista/Crítica de Arquitetura. A monografia deve constituir um posicionamento individual do pesquisador frente ao tema do seminário do grupo a que pertenceu, na forma de um artigo científico, organizado e apresentado conforme as normas de publicação da revista Pós-, editada pelo programa de pós-graduação da casa.

Além da monografia propriamente dita, os matriculados pela FAU/USP foram convidados a produzir um texto crítico de avaliação da disciplina, também uma praxe do curso pré-integração. Essa avaliação tem sido um documento importante para a reflexão sobre o conteúdo e a metodologia didático-pedagógica, e tem permitido aferir o seu potencial, seus possíveis avanços e necessidade de correções de percurso.

Tanto na conversa coletiva no encerramento do curso como nos documentos individuais, os principais comentários sobre esta versão experimental foram a respeito de sua excepcionalidade, isto é, o

compartilhamento de três programas de pós-graduação, operacionalizado por meio de plataforma de videoconferência. A tentativa de tirar algum proveito do modo remoto imposto pela pandemia foi reconhecida e valorizada, sobre a qual os participantes destacaram a prontidão de resposta do corpo docente e a disposição colaborativa do corpo discente, proporcionando uma rara oportunidade para a integração com outros programas e para a troca de experiências, cujo impacto era inicialmente imprevisível. A estrutura proposta de “regionalização” do conteúdo, em que cada um dos programas apresentou um panorama da sua arquitetura moderna e contemporânea e a partir dela estabeleceu as relações nacionais e internacionais, por um lado, ampliou e diversificou o leque de referências, introduzindo novos personagens da vasta produção brasileira, muitos deles obliterados pela historiografia corrente. Por outro lado, essas apresentações de conteúdo evidenciaram a dinâmica circulação das ideias e sua devida apropriação por cada região do país, discutindo o sentido do moderno, do pós-moderno e do contemporâneo em cada contexto.

O acesso a um corpo docente e discente estranho ao programa ao qual os pesquisadores estão vinculados gerou um grande impacto, unanimemente enaltecido. Mesmo para aqueles que, inicialmente, viram com certa desconfiança a proposta, na avaliação final reconheceram a riqueza da experiência.

A estratégia de impor a composição das equipes, sem prévia consulta aos participantes, que poderia ter causado descontentamento aos integrantes dos grupos, acabou por resultar em um dos diferenciais mais destacados na avaliação. Reconheceram que se se houvesse proposto que se organizassem livremente, a chance de recair em uma regionalização das equipes era muito grande, ferindo o espírito de intercâmbio que permeou a organização da disciplina.

Por fim, outros aspectos comentados foram a pertinente articulação dos conteúdos com as pesquisas dos docentes, estimulando a investigação de cada um, e o ambiente de respeito e liberdade de manifestação que garantiu a diversidade de opiniões, base para o aprimoramento do conhecimento.

Como forma de avaliação, o MDU/UFPE solicitou um trabalho na forma de um artigo com uma análise crítica de um edifício brasileiro do século XX, que aponta para um quadro bem diverso da arquitetura contemporânea brasileira⁹.

Em um primeiro olhar, ficou claro que edifícios no Nordeste lideraram a lista de projetos, já que sete dos treze trabalhos foram desta região, embora dois trabalhos tenham abordado um edifício feito na região pelo escritório gaúcho-uruguaio MAPA. Segundo os alunos, isto ocorreu em parte devido à possibilidade de visitá-los, uma questão fundamental para a análise crítica, mas também por um interesse em trazer novos edifícios para a historiografia, que é muito concentrada no Sudeste. Mesmo em relação aos projetos de fora da região, pode-se dizer que grande parte deles, com exceção do Museu da Memória em Santiago, não foi devidamente explorada pelas revistas e publicações. A seleção dos edifícios também confere uma ideia do quadro de interesses dos alunos, que versaram sobre projetos de cunho social, como duas reurbanizações de favelas em São Paulo, a escola do O Norte no Recife e os sobrados Novo Jardim em Caruaru. Também apareceram com destaque os projetos de um talentoso escritório atuando em Juazeiro do Norte, CE, o Lins Arquitetos.

As abordagens teóricas adotadas para a análise dos edifícios variaram entre um viés fenomenológico, um enfoque nas formas de relação com o clima e com a cidade existente e uma dimensão tectônica, particularmente a articulação e exploração dos materiais e a relação com materiais pré-fabricados. No geral, conseguiram oferecer análises críticas bem fundamentadas, que em muito superaram a mera descrição formal dos edifícios.

Após o término do curso, foram feitas mais quatro reuniões com os alunos, uma primeira de esclarecimentos sobre o trabalho, uma de avaliação do curso pelos alunos e duas com o retorno das avaliações dos trabalhos por parte dos professores. A avaliação dos alunos foi muito positiva. Apontaram a oportunidade única de aprendizado, não apenas pelas aulas com professores de outros programas, mas também pela troca de experiências com o alunado de outros programas e pela diversidade de obras expostas e estudadas ao longo do curso.

10 CONCLUSÕES SOBRE UM CENÁRIO INCONCLUSO

O realismo fantástico de Gabriel García Márquez nos legou *O Amor nos Tempos do Cólera*. A narrativa em torno do triângulo Juvenal, Fermina e Florentino entre o final do século XIX e o início do século XX se passa em meio ao desespero de uma terra assolada por uma epidemia e pela guerra civil. Talvez nem a criatividade literária do escritor colombiano teria imaginado algo semelhante à Covid-19 e ao cenário que o Brasil enfrenta neste instante.

O presente registro não seria provocado não fosse a inesperada (mas talvez prevista) devastação causada por uma pandemia, cujo fantástico realismo não comove negacionistas de toda ordem, desmanchando hábitos, rotinas, estruturas e, lamentavelmente, vidas. Em que pese a devastadora adversidade, o sentimento de luto e os descaminhos a porvir, que ainda persiste no instante em que se redige este relato (agosto de 2021), é tempo também para se refletir como um momento de crise desta emergência exige superar o imobilismo, desafiar a intimidadora inércia frente ao que parecia inelutável.

Esta é a narrativa de uma experiência didática no ensino e pesquisa em pós-graduação, das transformações de uma condição “normal” – na acepção que o senso comum entende como a vida pré-pandêmica – para o quadro de incertezas, inseguranças, desajustes, estresses e depressões que emergiram a partir de março de 2020 e ainda vigente ao redigir estas meias-conclusões.

Mais do que apenas uma disciplina ministrada remotamente, o esforço desenvolvido pelos docentes da FAU/USP, MDU/UFPE e PROPARG/UFRGS não foi adaptar cursos presenciais realizados em tempos “normais” aos moldes do ensino remoto em tempos de pandemia. As memórias aqui registradas das práticas pré-pandêmicas, desde pelo menos 2004, constituem uma “análise genética” e ao mesmo tempo um contraponto ao oferecimento de uma disciplina concentrada ao longo de breves oito semanas em abril e maio de 2021. Sua concepção, iniciada em dezembro de 2020, examinou várias estratégias didático-pedagógicas, nos limites da incerteza da experimentação, e buscou potencializar uma estrutura integrada valorizando as características de cada “pé” do tripé (os três programas) para a sustentação do conjunto.

Isto leva-nos à percepção, com a crise, de que o “normal” também era um quadro de certo conformismo, acomodação, semialheio às inovações e esforços mais arrojados por avanços, como se descortinou com a prática (ainda que forçada), do ensino desenvolvido com TDICs. Mas, no pico da pandemia, no 1º semestre de 2021, dentro do olho do furacão, olhava-se o “normal” como uma condição com muitas virtudes.

A proposta teve origem no enfrentamento ao isolamento imposto pela pandemia e resultou em uma experiência extremamente positiva que nos impõe uma reflexão à retomada do ensino presencial. Se por um lado, evidenciou-se a importância da convivência social no processo de construção do conhecimento, a vida presencial como insubstituível, por outro, abriu-nos a oportunidade de vislumbrar alternativas para uma troca mais ampla, obrigando-nos a sair de nichos estabelecidos e colocando-nos frente a uma diversidade e pluralidade de ideias, de manifestações e teorias que constroem uma cultura arquitetônica.

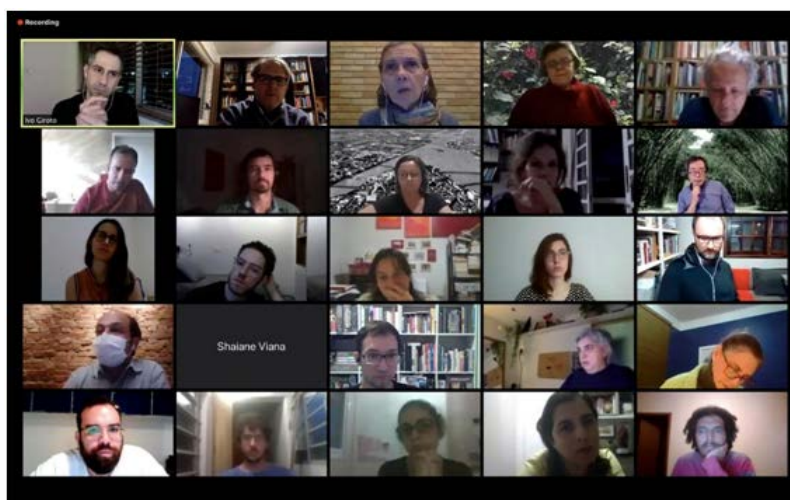
A conjugação da diversidade territorial do corpo discente ensejou um comportamento proativo para constituir cenários de reconhecimento de paralelos, diferenças e transferências na cultura e produção da arquitetura, urbanismo e paisagismo no enfoque proposto. O cotejamento de conhecimentos incentivou identificar a circulação de ideias, atitudes, leituras e releituras, muitas vezes segmentadas ou isoladas por focos locais e regionais. As interlocuções com e entre as culturas de várias regiões do Brasil, da América Latina e do mundo proporcionaram intensa troca entre os participantes, compartilhando conhecimentos, metodologias e práticas. O direcionamento de orientações, como a predefinição dos grupos de seminário, que poderia ser entendido como cerceamento de liberdade, foi tomado como positivo desafio à revisão de pontos de vistas e “verdades” estabelecidas, sugerindo uma reflexão sobre o espaço e os limites entre a intervenção docente na livre organização e a condução no direcionamento dos trabalhos.

O conteúdo mesclado entre os três programas também reiterou uma necessária revisão da historiografia da arquitetura brasileira, tradicionalmente focada no sudeste do país. Um panorama ampliado revelou outras referências que fomentarão novas narrativas, indispensáveis em um país continental como o Brasil.

As experiências das três instituições descortinaram um contexto de reflexão sobre as potencialidades e fragilidades do ensino remoto, mais amplo que o da conjuntura emergencial. Essa prática comprovou o que de certa forma era previsível: o ensino de arquitetura on-line estabelece perdas e limitações sérias sendo usado de forma acrítica e desqualificada. No entanto, realizado de maneira criteriosa, viabilizou uma resposta à altura frente à atual (e futura) conjuntura, abrindo novas possibilidades em termos de conectividade, aproximação de instituições e pessoas, além de ganhos quantitativos e qualitativos, a partir do número, diversidade e interações dos interlocutores envolvidos.

Neste sentido, a oportunidade de alinhar os cursos oferecidos na FAU/USP, MDU/UFPE e PROPARG/UFRGS, foi muito mais que uma experiência bem-sucedida com um resultado consistente, tanto na avaliação dos docentes como pelas respostas dos estudantes. Foi extremamente exitosa no sentido de demonstrar que, respeitadas diferenças profissionais, acadêmicas, arquitetônicas e pessoais, o investimento no senso comum e no interesse transcendente pelo desenvolvimento da cultura arquitetônica no país é denominador poderoso contra qualquer praga (Figura 12).

Figura 12: Discussão de encerramento da disciplina com professores, pós-graduandos e ouvintes, maio de 2021.



Fonte: Autores.

Sentimentos ambíguos, incômodos: por um lado, a presença como condição fundamental e incontestável para o ensino, a pesquisa, a extensão, para a formação e cultivo de uma humanidade sempre ameaçada; por outro, a virtualidade dissolvendo fronteiras, distâncias, avizinhando o longínquo, viabilizando o inencontrável.

NOTAS

¹ Distinguindo-se da definição básica de Educação à Distância (EaD) como “modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação”, regulada por uma legislação específica, que pressupõe estruturas, planejamento e metodologias correspondentes, o ensino remoto não é exatamente uma modalidade de ensino. BRASIL. Ministério da Educação. O que é educação à distância? Disponível em: O que é educação a distância? – Ministério da Educação (mec.gov.br). Acesso em: 23 maio 2021.

² FAU/USP: AUH5854 – Arquitetura Paulista Contemporânea Paulista/Crítica de Arquitetura; MDU/UFPE: DU 1056 – Tópicos Avançados em Arquitetura e Urbanismo: Arquitetura Brasileira Contemporânea 1 e 2; PROPAR/UFRGS: ARQ00010 - Seminário de Teoria, História e Crítica de Arquitetura – Tema: Arquitetura Moderna e Contemporânea Brasileira no Sul - Módulos 1, 2, 3 e 4.

³ Com o ingresso do Prof. Sérgio Moacir Marques – vindo do corpo docente do mestrado strictu sensu Mackenzie/UniRitter – como membro do corpo permanente do PROPAR/UFRGS, houve a formalização de Seminários de Tese, que vinham sendo oferecidos, desde 2014, com sua participação como professor convidado.

⁴ Outros professores pesquisadores do Programa trabalham sobre o mesmo universo como o Prof. Claudio Calovi Pereira e Renato Fiori, com pesquisas e publicações e o Prof. Luís Henrique Haas Luccas, responsável pelo Seminário Arq. 00059: Arquitetura Moderna em Porto Alegre.

⁵ A disciplina é oferecida no oitavo período, com 30 horas/aula. Nos dois primeiros semestres em que foi ofertada, foi ministrada pelos professores Fernando Diniz Moreira, Maria Luiza Freitas e Renata Cabral e nos semestres seguintes apenas pelo primeiro.

⁶ Todas as palestras estão disponíveis em bit.ly/arquitetura_brasileira

⁷ As 24 obras analisadas foram: Cais do Sertão Luiz Gonzaga (2018), do Brasil Arquitetura, a Escola Novo Mangue (2000), do O Norte Oficina de Criação, e o Edifício Softex (2011), de Andrade & Raposo Arquitetos, todas na capital pernambucana; Academia (2014-2018) e Juizado Cível e Criminal no campus da Unileão (2016), ambos em Juazeiro do Norte, CE, projetados por Lins Arquitetos; sede do CREA/PB (2012) em Campina Grande, PB, do MAPA Arquitetos; Casa Txai (2014), do MK27 em Itacaré, BA; em São Paulo, Centro Universitário Maria Antônia (2017), do Una Arquitetos, Biblioteca São Paulo (2009), de Aflalo/Gasperini, urbanização e HIS Favela do Sapé (2014), de Base Urbana + Pessoa Arquitetos, Conjunto Heliópolis - Gleba G (2011), de Biselli + Katchborian; Edifício VN Ferreira Lobo (2018), de Studio Arthur Casas; Casa 3x33 (2018), de 23 Sul, também autores da sede administrativa da Fundação Florestal Juréia-Itatins em Peruíbe, SP (2016); Orla Marítima de Ilha Comprida, SP (2013), por Boldarini Arquitetura; SESC Birigui, SP (2017), por Teuba Arquitetura; a UBS Parque do Riacho II (2016), de Saboia Ruiz e a sede da Confederação Nacional dos Municípios (2016), de Mira Arquitetos, situadas em Brasília; as Moradias de Estudantes da Fundação Bradesco (2017), em Formoso do Araguaia, TO, projeto do então escritório Aleph Zero em parceria com Marcelo Rosenbaum; o edifício Iguazu (2020), de SMART + Studio Prudêncio, e o edifício Península (2013), de Cantergiani + Kunze, e a sede da Fecomércio/SENAC/SESC (2020), do Estúdio 41, na capital gaúcha; o Santuário de Santa Paulina (2006), obra de HS Arquitetos em Nova Trento, SC; e o Museu da Memória e dos Direitos Humanos de Santiago do Chile (2010), projetado pelo já desfeito escritório Estúdio América.

⁸ Os resultados gerais podem ser vistos em <https://www.ufrgs.br/arqmodcontbrsul/>.

⁹ Nem todos, dos treze trabalhos entregues, contemplaram os edifícios analisados na disciplina conjunta: dois trabalhos sobre a sede do CREA em Campina Grande, PB, do MAPA Arquitetos; Juizado Cível e Criminal e Academia no campus da Unileão em Juazeiro do

Norte, CE, do Lins Arquitetos; Capela Ingá-Mirim em Itupeva, SP, do escritório Messina-Rivas; sede da Fundação Florestal em Juréia-Itatins, SP, do escritório 23 Sul; os sobrados Novo Jardim em Caruaru, PE, do Jirau Arquitetura; o conjunto habitacional Heliópolis - Gleba G, São Paulo, de Biselli e Katchborian; reurbanização da favela do Sapé em São Paulo, do Base Urbana + Pessoa Arquitetos; campus do Instituto Federal do Ceará em Paracuru, CE de Neudson Braga; o Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará, de Neudson Braga, Romeu Duarte e Architectus; a Escola Novo Mangue em Recife do Escritório O Norte, o Edifício Softex em Recife de Andrade & Raposo Arquitetos e o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, em Santiago do Chile, do Estúdio América.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.